

«ALEXANDRA ALPHA»

— UM ROMANCE CREPUSCULAR

Por RAMIRO TEIXEIRA

Como todos os escritores, José Cardoso Pires não foge à caracterização das suas personagens com diversificadas doses da sua própria personalidade e experiência da vida. Estamos em crer, todavia, que esta dose de si próprio jamais foi relatada com a intensidade que vislumbramos em «Alexandre Alpha», apesar de tal asserção não ser objectivamente identificável no percurso das quase 500 páginas de texto.

A aparente dicotomia do que aqui expressamos se explica pelo facto de José Cardoso Pires ter concebido este romance, melhor, as suas personagens, através de múltiplas pulverizações de figuras e factos que foram do seu conhecimento directo, o que permite ao cidadão/leitor activo descodificar algumas delas.

Em qualquer caso, à margem deste pormenor, personagens há que, pela sua específica tipologia, passam a pertencer à galeria das figuras literárias indelévels, como são os casos de, pelo menos, João das Berlengas e Sebastião Opus Night.

Por tudo isto, diremos ainda que este romance constitui um largo repertório de uma geração que, apesar de tudo, teve a felicidade de usufruir um estatuto de vida ímpar, mercê de um conjunto de vectores que amorteceu, digamos, o choque com os valores europeus.

Esse tempo, que é o do final da década de 50 e o começo da de 60, permitiu a essa geração o «luxo» de uma automarginalização tanto pela via da mitificação do provincianismo, que jamais deixou de cultivar como forma compensatória às fraquezas próprias, quanto pela via da exaltação cosmopolita, que a promovia a seus próprios olhos, circunstância generosamente facilitada pelo facto de ser nessa época que

Portugal foi descoberto pelos europeus, os quais, pela exaltação excessiva do (falso) folclore que aqui se lhes deparava, muito contribuíram para a inversão dos valores. E isto se verificou por duas vias: a primeira, pela descoberta de «um mundo perdido» de raras paisagens, marítima e solar, indexado a vivências arcaicas, e a segunda pela outra descoberta de quão este estado primitivo se mostrava receptivo à admiração alheia, até ao ponto de se abastardar na ânsia que exibia pela colonização daqueles que o visitavam (aliás, parte desta temática é já manifesta em «O Anjo Ancorado», de 1958).

Um tal painel conjuntural serviu, como dissemos, largamente uma elite que, tanto pelo perfil académico quanto pela ascendência familiar e relações sociais, acabaria por ser contemplada com uma existência social de gama alta.

Não admira, pois, que este romance trate de uma vasta galeria de seres bem instalados, burgueses e intelectuais, vivendo de rendimentos ou da jovem tecnocracia da área dos serviços (televisão, agências de publicidade, fundações, etc.), ou, ainda, do alto funcionalismo, mas irremediavelmente «ancorados» ou «enclavados» em bares crocodilos, dispendendo um capital, que

bem poderia ser útil, em ironias de circunstância, análises políticas requentadas e inconsequentes, ou em levantamentos de cultura popular de resultados duvidosos, como o de teatro de fantoches ou da actividade circense, vivendo em permanente falso estado de «gravidez» esperançosa, de que por ex. a suposta prenhez de Sophia Bonifrates é bem um símbolo.

Eles, afinal, constituem a massa dirigente de um «país inventado» na medida em que o questionam por desfastio, ausentando-se do «real», complementando a existência de uma outra componente do país, que metaforicamente é faquir (faquir — indivíduo que, em espectáculos, pratica ou deixa praticar sobre si mesmo actos de natureza molesta sem dar sinais de sofrimento ou sensibilidade...), exibindo as tatuagens da guerra colonial, entretanto em curso, ou que canta um fado mudo por ter perdido a voz...

Uma geração vencida? Sem dúvida que sim. Que, todavia, a paralisa? A formação intelectual? O apego aos valores consuetudinários? A crença em ideias demasiado «excessivos» e portanto utópicos? Mais do que tudo o comodismo, o desfrute das boas situações, incompatíveis com as atitudes generosas, a cautela e o consequente cepticismo, formas subtis que garantem e consolidam o estatuto conquistado, possibilitando a existência duplicada e sofismada entre o egoísmo e o altruísmo, o apaziguamento das consciências próprias e a ilusão das demais: enfim, a inacção, a forma mais prática de conciliar as dicotomias, relegando as transformações urgentes para a crença na marcha

irreversível da História, do acaso redentor...

Mas este corajoso e bizarro ajuste de contas, inventariado em «Alexandra Alpha», não contabiliza apenas a geração do antes 25 de Abril: estamos mesmo em crer que ele principalmente se exerce no tempo que o procede. Por isto mesmo é que, quando o tal «acaso» ocorre, quando o retorno histórico se cumpre, se instalam a confusão e a impreparação dos intervenientes no processo em curso, todos solicitados mais pelo climax emocional, ou pelo sentido oportunístico em que estão exercitados, do que, propriamente pelas grandes decisões conscientes. Nesta perspectiva, podemos mesmo dizer que a tão ambicionada «normalização» da vida política portuguesa tem aqui a sua génese antecipada, quer pela via do imobilismo a que a ditadura nos havia habituado, quer pelo anarquismo que lhe sucedeu, movimentos que, apesar de opostos, acabaram por convergir no tempo, mercê da incapacidade, do comodismo paralisador do grupo social mais afim às transformações.

Chegados aqui, não deixa de ser interessante notar a similitude temática deste romance de José Cardoso Pires com a obra de Augusto Abelaira, um outro escritor de personagens dúplices, «desertoras das suas próprias consciências», caracterizadas exactamente pela inércia e fuga às decisões, pelo cepticismo e pelo receio de correr riscos, tanto nos aspectos político-sociais quanto nas aventuras amorosas.

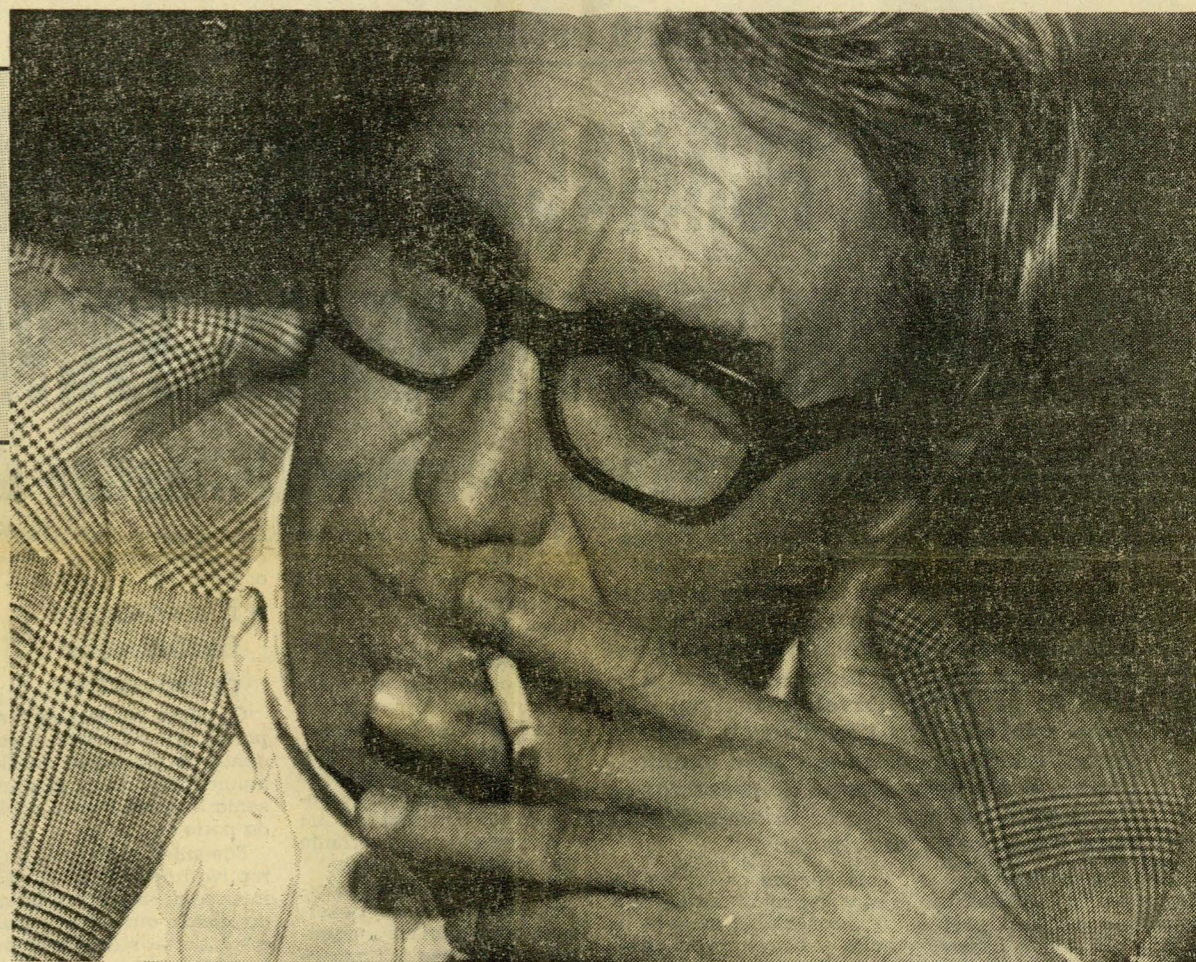
Trata-se de uma asserção curiosa, ao fim e ao cabo reveladora de um certo «status» existencial que, para mal dos nossos pecados, é muito nosso, mas que no plano literá-

rio finda aqui. De facto, ainda que Augusto Abelaira até nos títulos escolhidos — «A cidade das flores», «Os desertores», «As boas intenções», «Enseada amena», «Bolor», «Quatro paredes nuas», etc. — reflecta o drama de uma crise que define a problemática da consciência político-social do homem (esclarecido?) dos últimos quarenta anos, a verdade é que as suas personagens se caracterizam por um excesso de intelectualismo, para mais de tendência racionalista. Não assim José Cardoso Pires, neste «Alexandra Alpha», que ao invés de «movimentar ideias», relata antes personagens, dotando-as de inteira liberdade, chegando mesmo a engendrar uma (sábria) confusão entre o papel omnipresente que lhe cabe como manipulador do que acontece e uma certa subalternidade que advém da projecção anímica dos seres que cria, o que remete simultaneamente tanto para a condição do criador incontestado quanto para o papel de mero ser-ventuário. Isto se torna evidente pela alternância das vozes narrativas, nomeadamente pelo artifício que caracteriza a memorialização pluralista de «tudo nos parecia um sonho dado de flor na mão.

A jangada dos ditadores a espanear a bandeira da rendição, os assassinos enjaulados... Agora os nossos olhos voltam-se para longe, para um forte que era lendário mas concreto e carregado de prisioneiros políticos.» Caxias... (pág. 351).

Eis que agora um novo tempo se relata — mais ou menos corrosivo e acusador do que a antecedente?

A resposta ao quesito é de natureza dúplice e perpetua, se pode dizer, o carácter não menos duplo de todas as persona-



gens. Aparentemente, digamos que estas adquiram uma nova existência de carácter colectivo, uma nova identidade. Mas, no entretanto, são-nos mensurados factos de estranha representação: «Alexandra ficou assombrada: dois cegos a viverem um festival de cravos e de multidão.» (pág. 349). Qual a descoberta deste fenómeno? Os cegos ganhavam visão ou os que a possuíam eram conduzidos como se cegos fossem?

À margem, porém de toda a matéria especulativa — e muita é — o facto único que podemos assegurar é que José Cardoso Pires arriscou um depoimento de identificação com o país real verdadeiramente surpreendente, talvez porque relativiza a intervenção deste livro-acto numa outra intervenção mais ampla, que é a de forçar a avaliação do nosso específico comportamento humano com a relatividade do sentido histórico. Porque, se «uma parte da nossa geração não viveu enquanto se ia vivendo», para citarmos Eduardo Lourenço, não menos certo é que o mundo velho não morreu aos pés do novo. De resto, todas as revoluções se esgotam após a breve fase dinâmica que lhes dá o ser. A este sentido de historicidade não escapou a nossa experiência, como

não escapou a «revolução» de Maio de 68, em França, ambas confrontadas com a mesma resistência passiva e com o mesmo quívoco alienante. Apesar de tudo, porém, o mundo mudou e a felicidade continua a pensar-se como possível. A sua precaridade constitui, afinal, a sua força, «Alexandra Alpha» celebra-a e exalta-a da forma que é capaz, e cremos, isto lhe basta para justificar a sua valia.

Muitos têm sido os que aduzem, neste romance de José Cardoso Pires, uma espécie de «ajuste de contas» com a sua geração, entendendo-se esta ilação mais com o comportamento desta após o 25 de Abril do que relativamente ao período anterior. Não me atrevo a desdizer a conjectura, até porque «Alexandra Alpha» é um romance complexo, apesar da sua aparente linearidade, sobre a qual o tempo ainda não imprimiu a derradeira coloração. Mas algo de irrequívoco nele se estabelece que nos leva a considerá-lo como um romance crepuscular. E ao afirmarmos isto não temos em conta a fatalidade temporal da existência humana da geração que trata, mas, antes de mais, a falta de perspectiva de uma outra geração que resgate a anterior.

Nesta ordem de ideias, é curioso registar que da

vasta galeria de personagens deste romance só Beto pertence à nova geração. Aparentemente condenado a uma existência de subalternidade social, dela é salvo pela adopção por Alexandra, que o recolhe e dele trata como se filho fosse. Estranho e complexo é todavia o seu percurso, «Alexandra Alpha» celebra-a e exalta-a da forma que é capaz, e cremos, isto lhe basta para justificar a sua valia.

Uma coisa, porém, é certa: Berto, a quem é dada uma instrução privilegiada, mostra-se um herdeiro directo do sentido egoístico e irresponsável da geração que lhe dá o ser e o (in)forma. Isto é evidente, por ex., na forma como reage ao conhecimento de que engravidou a sua «amigui-nha», limitando-se a dizer-lhe, lá das lonjuras da Escócia, onde estuda, que «okay», que quando voltasse logo se via...», sabendo de antemão que quando voltasse nada haveria a fazer e que a garota, no entretanto, iria procurar Alexandra para resolver o problema. Irresponsabilidade, ou mera afirmação de ser?

Vejamos: um tal procedimento, quer seja do foro psicológico, isto é, não só reflecta uma atitude de afronta e de desafio

perante Alexandra, que antes de ser madrastra constitui o objecto sexual desejado e no qual colabora, ainda que inconscientemente, oferecendo-se e negando-se por interpostas atitudes, quer reflecta somente uma atitude de juvenil egoísmo, ou, ainda (e porque não?) a consciência de que a juventude está a «borrifarse» para os grandes ideais que mobilizaram os seus progenitores, ausentam Beto da existência do país, real ou inventado, dotando-o, afinal, da mesma existência concentracionária e igual ausência de análise judicativa sobre os problemas da nação. Quão longe ele está, por ex., da atitude do «doutorzinho», que se perde no movimento colectivo revolucionário, abdicando de si...

Isto, a nosso ver, é que marca irremediavelmente «Alexandra Alpha» como um romance crepuscular, já que nele não sobrevive a esperança de os «novos» resgatarem as ilusões, falências e frustrações dos «velhos».

Eis, finalmente, por que no final destas considerações não resistimos ao questionar da grande questão que José Cardoso Pires a si próprio colocou — «E agora, José?» — sem, com isto diminuirmos o valor e a franqueza do seu depoimento.